

PAIM, Antônio. **Etapas iniciais da filosofia brasileira**. Londrina, UEL, 1998, 272p.
(Estudos complementares à História das Idéias Filosóficas no Brasil, vol. 3)

Antes de tratarmos do conteúdo da obra aqui resenhada, faremos algumas considerações para situar a obra original que ela pretende complementar. A primeira obra de Antônio Paim, que também parece ter sido a mais importante e premiada, é **História das Idéias Filosóficas no Brasil**, com a primeira edição em 1967, pelas editoras Grijalbo e Edusp. E, ao que parece, a tarefa editorial mais recente de Paim consiste em publicar os diversos volumes complementares àquela obra, o que significa uma elaboração que já toma trinta anos de uma vida dedicada sobretudo à filosofia brasileira.

Uma análise dos dados editoriais revela que a segunda edição da **História...** cresceu de 276 para 431 páginas e que a terceira edição atingiu 615 páginas, número mantido na seguinte edição e, finalmente, a quinta edição, de 1997, que deve contar com anexos e acréscimos, é bastante volumosa em suas 769 páginas. Assim, os complementos vêm se somar a uma obra que já se expandira bastante. As duas primeiras edições foram conjuntas, Grijalbo/Edusp; a terceira pela Convívio e pelo INL, a quarta só pela Convívio e a quinta e última, pela UEL, editora da Universidade Estadual de Londrina. Em termos de mercado editorial brasileiro de livros acadêmicos, cinco edições em trinta anos parecem demonstrar bem a importância da obra. Todavia, essa variedade de editoras pode indicar também parte das dificuldades que acometem a tarefa daqueles que se dedicam à filosofia brasileira. Certamente, tal produção editorial descontínua é o resultado de uma atividade intelectual militante e dedicada. Felizmente, nesse contexto adverso que sempre lamentamos, a boa notícia é que a última edição, de 1997, saiu pela mesma editora da obra complementar aqui resenhada, de modo que o leitor que não possua a **História...** poderá adquiri-la, para melhor compreensão da seqüência. Aliás, seria um contra-senso lançar o complemento de uma obra esgotada.

A obra-prima de Paim, que ora se completa pela editora da UEL, **História das idéias filosóficas no Brasil**, fazia parte de uma coleção intitulada “História das idéias no Brasil”, que contava até então, 1967, com outros dois títulos: uma história das idéias estéticas e uma das idéias religiosas. A coleção era dirigida por Luis Washington Vita, grande referência para os estudos da filosofia brasileira. Paim prestou a Vita a devida vênua acadêmica, situando-se em relação a ele e também a Miguel Reale, ambos ligados ao Instituto Brasileiro de Filosofia, cujo “trabalho pertinaz” tornou “lícito falar em meditação filosófica nacional como algo existente e dotado de história” (p. 15). Isso significa que o estudo da filosofia no Brasil superava as fases pioneiras da verborréa sectária, apologetica e anedótica - enfim, da “filosofia em mangas de camisa”, conforme a caracterizou Reale.

Os Estudos Complementares são em número de cinco: Vol. I, **Os intérpretes**, segunda edição, Convívio, 1985; Vol. II **As filosofias nacionais**, Universidade Nova Lisboa, 1991; Vol. III, objeto desta resenha, Vol. IV, **A escola eclética**, UEL, 1996; Vol. V, **A Escola de Recife**, segunda edição pela Convívio e terceira no prelo. Alguns desses volumes contêm reedições de obras anteriores; por exemplo, o volume II inclui parte do

opúsculo **Das filosofias nacionais**, e o volume III aqui resenhado inclui o livro **Cairu e o liberalismo econômico** - sobre isso trataremos a seguir, na exposição dos capítulos.

O ecletismo e o sincretismo, que tanto marcaram a filosofia no Brasil, deixavam-se certamente refletir também na tendência tratadística. Ora, a obra de Paim, fiel às teses de Vita, é também notável ao optar pelo gênero adequado à concepção do objeto; ao final da Introdução, ele desqualifica as pretensões de uma “apresentação sistemática”, em favor da “análise dos problemas capazes de revelar o caminho e o significado de nossa meditação contemporânea. Por isto mesmo a exposição abrange apenas algumas atitudes típicas ao invés de lançar-se a uma caracterização exaustiva.”

Além dessa concepção mais monográfica, o autor ressalta o caráter processual e coletivo de um trabalho acadêmico sério sobre assunto dessa natureza, ao acrescentar que, caso uma caracterização exaustiva fosse possível, “esta vem sendo elaborada ao vivo, sobretudo nas páginas da ‘**Revista Brasileira de Filosofia**’, parecendo de todo prematuro cogitar de antecipá-la.” (p. 19) Ora, o volume III dos Estudos Complementares aqui resenhado vem, portanto, juntar-se ao que, no livro original, eram “algumas atitudes típicas”. E, certamente, após essas três décadas, tornou-se oportuna uma síntese dos resultados dessa linha de pesquisa.

Antônio Paim, ao anunciar que trataria ali de “alguns problemas”, tinha, na verdade, o problema do homem como “posição central na filosofia contemporânea”(p.9). Decisiva também é a periodização feita pelo autor, onde situa também a nossa filosofia dentro do panorama europeu que nos precede: “o debate das idéias filosóficas no Brasil insere-se no período que, legitimamente, se poderia denominar de pós-kantiano”, na medida em que superava o “paradigma” da filosofia do Ser.

Na “Apresentação” de **Etapas Iniciais...**, Paim reafirma que até a segunda metade do século XVIII, a “meditação filosófica [no Brasil] tinha que ser mera repetição do que se fazia na metrópole”, inclusive devido à insignificante população brasileira. De modo geral, Portugal recusava o humanismo, dando surgimento à denominada Segunda Escolástica, que significou um fechamento ao movimento de idéias suscitado pela época Moderna. O Marquês de Pombal é que provocará a ruptura com esse isolamento, através do *empirismo mitigado* e do *cientificismo*.

O assunto do presente livro é, portanto, o seguinte, nas palavras de seu autor: “*As etapas iniciais da filosofia brasileira* compreendem, portanto, a implantação do saber escolástico e contra-reformista, sua substituição pelo empirismo mitigado, como filosofia oficial, e os primeiros embates para introduzir entre nós processo autônomo e independente de Portugal” (p.12)

O capítulo I, “Introdução do saber escolástico e contra-reformista”, é quase uma compilação, no que não há nenhum desdouro, já que se apresentam ali raridades bibliográficas que são, além de proveitosas ao estudioso, agradáveis ao leitor em geral, que certamente apreciará ler, por exemplo, excertos de Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-

1800). é natural, observa Paim, que um texto vazado nos moldes clássicos da escolástica pode soar hoje irritante e pedante - o que não surpreende, todavia, enquanto curso destinado a um convento do século XVIII. Além da oportunidade de permitir ao leitor o contato com tais textos raros, o valor do capítulo está nos comentários e correções feitos a um emérito historiador, o Visconde de Taunay, que cometeu inúmeros equívocos quanto à obra do Frei. Por exemplo, Frei Gaspar não era seguidor de Duns Scoto, como pensava fantasiosamente Taunay, o que significaria oposição à escolástica tomista. Quando os “sermões” moralistas da Contra-reforma expressavam o estado de espírito da elite dirigente e mal merecem a classificação de “filosofia”, como é o caso de Nuno Marques Pereira e Feliciano de Souza Nunes, nos deparamos com pérolas do obscurantismo tais como: “O homem é um vil bicho da terra e um pouco de lodo”, inferior até mesmo aos vegetais! (p.33).

O capítulo II é um estudo sobre “O ciclo do empirismo mitigado”, que dedica suas primeiras dez páginas ao contexto da Reforma Pombalina em Portugal e à importância de Antônio Genovesi - que tinha sido aluno de Vico - e de seus manuais. O capítulo analisa a reforma do ensino e as instituições relevantes à época, como os Seminário de Mariana e de Olinda, e trata dos chamados “pensadores luso-brasileiros”, como José Bonifácio, Tomás Antônio Gonzaga e Matias Aires. Gonzaga, tão conhecido como poeta do arcadismo e como “inconfidente”, escreveu um **Tratado de direito natural**, ao concluir em Coimbra seu curso de direito. Paim comenta também nesse capítulo os compêndios científicos da Real Academia Militar.

O capítulo III é inteiramente dedicado a Silvestre Pinheiro Ferreira e inicia-se com considerações sobre a “moral social”, onde são citados Max Weber e o próprio Paim, que aí se refere a seu **Fundamentos da moral moderna** (Curitiba, Ed. Champagnat, 1994). Silvestre Pinheiro era um empreendedor e um visionário - chegou a prever um processo de unificação da Europa, devido ao desenvolvimento da ferrovia. Paim levanta informações sobre sua vida pessoal, seu trabalho no Ministério dos Negócios Estrangeiros e suas atividades docentes, para recomendar que os estudiosos explorem melhor as fontes existentes sobre esse grande pensador brasileiro, especialmente querido pelos liberais: o liberalismo, que no caso Silvestre Pinheiro, contrapunha-se ao democratismo e ao conservadorismo católico, é louvado por Paim, como uma “tradição cultural que tem sabido resistir às intempéries” (p. 168).

O liberalismo é também o assunto do quarto capítulo, intitulado “A economia política como ético-normativa: José da Silva Lisboa”, tinha sido publicado como livro, em 1968, pela Tempo Brasileiro, sob o título **Cairu e o liberalismo econômico**. A tese central é que “embora tenha chegado a estabelecer distinções entre ética, política e economia, [Silva Lisboa] encontra nesta última a chave para a conquista de uma vida social eminentemente moral”; sua intenção ético-normativa da ciência econômica decorre também da “doutrina que aponta o trabalho como fonte de toda propriedade e valor”(p.218). Paim apresenta os “Princípios de Economia Política” do Visconde (“...haja a mais livre e oportuna distribuição dos empregos, como proporcional alívio e segura

recompensa...”) e suas conseqüências, como “extirpar a preguiça, como o maior flagelo das nações”, “desestimular a expansão territorial...”, etc. (p. 219-220).

Como apêndices, temos ainda a bibliografia de Silva Lisboa, uma nota biográfica e um artigo de jornal, escrito por Paim em 1985 e intitulado “O Visconde de Cairu e a Moral Social”. Por tudo que já foi dito sobre a obra de Paim e sobre este complemento, em especial, deduz-se claramente que a obra objeto desta resenha é altamente recomendável a todos os interessados no estudo da filosofia no Brasil, tanto aqueles que já haviam lido a primeira obra de Paim, quanto os demais, que poderão lê-la independentemente ou junto com a original, já que, como dissemos, a **História das Idéias Filosóficas no Brasil** também está publicada pela Editora do UEL, cujo endereço indicamos a seguir.

Editora UEL
Universidade Estadual de Londrina
Caixa postal 6001
86051-990 Londrina PR
Brasil

Fone/fax (043) 371 4674